

75ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC

Mesa-Redonda: PARA ALÉM DA TELA: EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL E CINEMA

Título: Cinema da Praça Paraty

Autora: Paula Fabricante – Secretaria de Cultura de Paraty

O Cinema da Praça Zé Kléber é um espaço cultural público gerido pela Secretaria Municipal de Cultura de Paraty, inaugurado em julho de 2018. Este espaço restitui aos paratienses o seu antigo cinema em plena Praça da Matriz, mantendo muito da singular configuração arquitetônica – só comparável no Centro Histórico, em suas dimensões, às principais igrejas – que lhe deu a reforma na década de 1930 para que viesse a ser o Cine São Jorge, mais conhecido como o cinema do Seu Pedro, funcionando de forma mais ou menos atribulada até meados dos anos 1970 (MAFFEI, 2018). Fechado ou tendo outras destinações durante as décadas seguintes, foi adquirido pelo Município, o qual em 2015 iniciou o processo de revitalização que anos seguidos o devolveu à cidade, inteiramente restaurado e reformado, com equipamentos de cinema digital de alta qualidade com apoio de recursos incentivados pela Lei Rouanet e Lei Estadual de Incentivo à Cultura.

O Cinema da Praça está localizado no bairro histórico de Paraty, município situado ao extremo sul do Rio de Janeiro, reconhecido pelo destaque de sua diversidade cultural e suas diversas áreas de preservação ambiental. Seu primeiro tombamento data de 1945 na esfera estadual e em 1966 é reconhecido como Monumento Nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, salvaguardando, entre outros, a arquitetura vernacular colonial. O município tem cerca de 10 tombamentos referentes ao patrimônio cultural material e natural. Tão somente mais recente que seus registros concernem o patrimônio intangível, tendo em 2017 recebido o título Cidade Criativa pela Gastronomia e em 2019 o título de Patrimônio Mundial Sítio Misto: Cultura e Biodiversidade, ambos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - Unesco.

Não obstante, as correntes de ferro localizadas no entorno de aproximadamente 33 quarteirões do bairro histórico são uma importante forma limitadora do acesso por automóveis, que abalam a estrutura arquitetônica. Inobstante, podem ser observadas como “fronteiras” no imaginário social, fato que reitera a legitimação e o empoderamento de uma memória social (um período histórico) em detrimento a outro. A reflexão proposta aqui não se baseia na retirada destes objetos, e sim na simbologia que os permeia.

Sítios históricos, como o caso de Paraty, podem ser conceituados pela sociedade científica contemporânea como “cidade espetáculo”, “cidade museu”, ou ainda, “shopping a céu aberto” – fragmenta além de espacialmente,

economicamente sua população local. Isto porque, segundo pesquisadores como a arquiteta e urbanista Paola Jacques (2009), este é um processo de recorte e mercantilização das cidades, associado às ideias de marketing urbano ou *chamabranding* (construção de marcas) (JACQUES, 2009, p. 1). Entre as críticas inerentes à venda das cidades destaca-se a supervalorização do solo, que fragmenta seu uso, em termos de sociabilidade.

Em Paraty, é observado certo distanciamento dos sujeitos locais com o bairro patrimonializado e são identificadas formas distintas de interagir com o mesmo. Este processo, que também pode ser identificado como gentrificação em seu sentido amplo - termo cunhado pela socióloga britânica Ruth Glass em 1964 -, que envolve não apenas uma mudança sociocultural, mas uma mudança física de habitação local, atrelado a higienização social com a reabilitação das áreas para outros fins.

Neste sentido, entendemos que a super valorização do bairro patrimonializado acarreta uma mudança diretamente nas configurações sociais e culturais. Contudo, nota-se, ainda, que na prática existe um contrassenso da “expulsão” paratiense da área patrimonializada, visto que mesmo em grau menor (comparado a épocas passadas) este espaço é ocupado pela população local durante as festas tradicionais e, com alcance inferior, também durante os eventos contemporâneos.

Podemos entender que esta é uma forma de resistência cultural, que também é marcada pelo uso e reapropriação de alguns espaços culturais, tais como o Cinema da Praça e a Casa da Cultura. Por esta razão, a garantia de acesso a espaços como estes possibilitam a manutenção da memória social afetiva com o que já foi vivido anteriormente e fortalece a identidade cultural local.

O Cinema da Praça reabriu em 2018 como um espaço cultural voltado para uma programação diversa do cinema e seus públicos, contendo uma sala multiuso destinada à formação em todos os aspectos do cinema e audiovisual (aberta também às outras artes e coletivos que nelas atuam), tendo como prioridade os jovens. Poder ir ao cinema, vir a fazer cinema em Paraty, retomar a sua história na cidade, e mais: perspectivas que o Cinema da Praça lhes revela, como um espaço de efetiva difusão, formação e produção cultural em Paraty.

Este espaço acionou de forma significativa a memória audiovisual da cidade: como era outrora, frequentar o cinema; e como foi, nos inúmeros filmes que tiveram Paraty como locação, acompanhar o cinema aqui sendo feito. Tendo como objetivo principal a formação de público cinematográfico e o fomento à produção audiovisual local, sendo um dos únicos cinemas públicos no Brasil com gestão direta pela Administração Pública e com registro na Ancine.

Neste sentido, o Cinema da Praça possui importância expressiva na vida social do município que reverbera para além da tela como um espaço público que estimula a reapropriação de um espaço patrimonializado, uma vez que ativa

o acesso do público de forma gratuita em sua variada programação de exibição e formação no âmbito da cultura em geral, como também de estudantes durante a semana no Programa Escola no Cinema.

De acordo com a curadoria do espaço¹, o Cinema da Praça vem se revelando uma experiência de considerável sucesso como um cinema enquanto equipamento cultural público, principalmente se levarmos em consideração que Paraty possuía estimativa de cerca de 44 mil habitantes em 2021 (IBGE 2010). Em seu primeiro mês de operação, de 19 de julho a 19 de agosto de 2018, foram 5.197 espectadores em 101 sessões (16 delas já para escolas); recorde que se explica pela novidade, e em seguida por sessões vinculadas à Festa Literária Internacional de Paraty (que trouxe o Anima Mundi nesse ano) e à edição Paraty do Festival Varilux no mesmo período.

O ritmo diminuiria um pouco nos meses seguintes (tanto em quantidade de sessões quanto em novidades a trazer); ainda assim de sua inauguração em julho de 2018 até a suspensão das atividades devido a pandemia em março de 2020, foram mais de 50.000 espectadores em 970 sessões – ou seja, cerca de 50 espectadores por sessão em sala com capacidade para 79; mesmo ao se descontar as Sessões Escola (por volta de 1/3 do total), encontra-se uma taxa média de ocupação alta, entre 40% e 50%. Para a qual contribuiu, e em grande medida explica, a constante diversidade na programação, buscando atender todos os públicos, de crianças a jovens e adultos, nos diferentes modos que o cinema se faz: dos blockbusters aos mais independentes, de Hollywood ao Brasil, uma variedade de cinematografias, sem em nenhum nicho entre elas se concentrar.

No período pós-pandêmico, o Cinema da Praça retomou suas atividades apenas em julho de 2022; se vem encontrando as dificuldades sentidas mundo afora no retorno às salas de cinema, é possível afirmar que, se menor que a média anterior, tem mantido uma taxa de ocupação significativa quando comparada a dos grandes centros, ainda e de novo indicando o acerto e a viabilidade de como vem se propondo a sua operação.

Nestes poucos anos de revitalização do espaço, podemos perceber que o Cinema da Praça conseguiu construir uma própria territorialidade, uma vez que estimula novos caminhos e encontros da população local. Do mesmo modo, o esforço em manter a gratuidade no acesso às sessões propiciou uma formação de público de forma mais democrática. Contudo, ainda é um grande desafio garantir toda a manutenção do espaço e uma cartela diversificada de títulos - do cinema arte ao cinema comercial - em exibição sem cobrança uma vez que a indústria cinematográfica carece da bilheteria e sente os avanços do streaming.

¹ MAFFEI, Marcos Jordan. **Relatório Cinema da Praça**. 2023.

Referências bibliográficas

JACQUES, Paola Berenstein. Notas sobre espaço público e imagens da cidade (1). Revista Arqtextos, ano 10, julho 2009. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arqtextos/10.110/41>. Acesso em 30 de maio de 2023.

MAFFEI, Marcos Jordan. Inauguração do Cinema da Praça. Disponível em: <https://cinemadapracaparaty.wordpress.com/>. Acesso em 20 de maio de 2023.

MAFFEI, Marcos Jordan. Relatório Cinema da Praça. 2023.